Ontem, na reunião de Sociologia, o professor Pedro disse que há pessoas que ainda veem os jovens com comportamentos desviantes como se fosse algo que estivesse nos genes deles, ou por falhas disto ou daquilo, e por vezes a sociedade fica limitada a este pensamento limitado. Verdade!

Até por vezes as próprias instituições de apoio gerem estes homens e mulheres como se fossem "aquilo" e agora há que "passar para aquilo".
"As instituições tendem a enquadrar os indivíduos segundo rótulos fixos ('delinquente', 'reabilitado'), mas esta lógica é redutora e impede intervenções mais humanas e eficazes."

Pois, está errado.
Há que entender cada ser humano como se ele fosse único: quem és, de onde vens, o que aconteceu, o que sentiste, como te sentes agora, o que gostarias que acontecesse, como faremos juntos isso acontecer. Vamos então começar pelas dificuldades, ressentimentos, culpa e vergonha, e no meio disto iremos entender juntos os pontos fortes, a experiência de vida, e tornar os pontos fracos em novas ferramentas e fortalecê-los.
Vamos também ensinar o cérebro que o pensamento criminoso/prazer imediato só traz consequências negativas, e ensinar o cérebro a pensar em novas soluções, dando-lhe uma nova consciência e novas experiências que ele possa seguir sem entrar em stress.

Agora, e já devo estar perdida na escrita, queria partilhar convosco algo que aconteceu comigo em 04/09/2008:

Quando os Homens de Gangue Começam e as Crianças Terminam

por Ivone Vale 04/09/2008

Hoje revi, através de um vídeo, um bairro em Lisboa. Um lugar marcado pela luta — onde sobreviver, muitas vezes, assume formas duras e onde muitas vidas jovens foram engolidas pelas ruas.

Atualmente, estou sediada em Dallas, no Texas, onde trabalho como conselheira num Centro de Tratamento Judicial que tem contrato com a cadeia de Dallas. Recentemente, fui chamada com urgência para intervir numa das nossas unidades residenciais.

A situação era grave.

A unidade tinha sido tomada por membros de gangues.

Ninguém podia entrar. Ninguém podia sair. Até pizzas tentaram pedir, LOL.

A polícia estava do lado de fora com cães, cercando o edifício.

Mas, em vez de lançar uma intervenção total, o meu mentor — o diretor do centro — teve uma ideia diferente:

“Chamem a Ivone. Deixem-na entrar.”

Quando atravessei a porta, senti-o imediatamente.

A energia era tensa, carregada. Os homens estavam sentados em silêncio, mas não era um silêncio de calma — era um silêncio de controlo.

A postura deles, os olhares, a imobilidade...

Fitaram-me intensamente.

Um chegou mesmo a perguntar:

“Porque é que estás aqui?”

Continuei a avançar. E pedi uma sessão de grupo terapêutica.

Sentámo-nos em círculo. Eu fiquei de pé — até hoje nem sei o porquê de ter ficado de pé. Possivelmente estava com medo, e de pé fugia mais depressa. Entretanto, observei com atenção.
Consegui ver quem era o líder — quem os outros seguiam com o olhar.

Identifiquei o líder.

Voltei-me para ele e disse:

“Fala-me da tua infância.”

Ele olhou-me friamente e respondeu:

“Não vou falar.”

Senti o ar mudar. Por um momento, fiquei abalada, a fazer contas de cabeça... Mas também sabia que ele era homem e foi educado para proteger “a mulher”.

Disse-lhe:

“Mas estou a pedir-te ajuda.” Resultou.

Ele começou a falar.

E, em menos de três minutos, estava a chorar.

A voz tremia. As barreiras caíram.

E, assim de repente, a dinâmica do grupo começou a mudar.

Um a um, os outros homens começaram a partilhar.
Histórias de infâncias perdidas. Dor. Trauma.

Aquele ambiente de gangue começou a dissolver-se em algo humano. Algo honesto.

E tudo o que eu conseguia pensar era:

Sempre acreditei que a transformação começa com a presença — com realmente ver as pessoas para além das suas capas.

Se mais profissionais estivessem presentes — verdadeiramente presentes — notariam os padrões.

Veriam quem se liga a quem.

Perceberiam que lealdades ainda estão ativas, mesmo no silêncio.

Quando trabalho com indivíduos com passado em gangues, desafio os comportamentos exteriores — a forma como andam, falam, se posicionam.

Isto não são apenas hábitos.

São armaduras.

E se queremos que a cura aconteça, temos de abrir espaço para outra coisa:

Vulnerabilidade.

Nesse dia, lembrei-me de algo que o meu mentor uma vez me disse — uma ferramenta que agora acredito ser essencial.

Cada homem devia ligar para casa e pedir à família que enviasse fotografias.

Fotografias de si mesmos em crianças.
Fotografias dos seus próprios filhos, se os tiverem.

E eu faria com que usassem essas imagens ao pescoço.

Porquê?

Porque, neste momento, eles veem-se como membros de gangue.

Eu quero que comecem a ver-se como crianças perdidas.

Reconectar-se com a inocência que um dia existiu — e que talvez ainda viva bem lá no fundo, à espera.

Usar essa fotografia deixaria muitos deles profundamente desconfortáveis.

E esse é exatamente o objetivo.

O desconforto é a primeira fenda na máscara.

É por onde a verdade começa a entrar.

Porque antes de serem gangsters, foram crianças.

E muitos ainda o são — apenas escondidos, feridos, à procura de algo a que se agarrar.

Eles não precisam de continuar a provar que são homens duros.

Precisam de ajuda para se lembrarem da criança que esqueceram.

É aí que começa a cura.

E pronto, a polícia entrou, levaram 16 pessoas de uma unidade de 50 de volta para a cadeia. Os outros começaram logo, sem qualquer problema, a fazer as tarefas. Ainda assim, enquanto passava pelos quartos, eis que vejo um amarrado a uma cadeira com sacos de plástico. E agora para rir: claro que me saiu um "Whattttt is this, dude?"
Ele lá me explicou que eu interrompi uma iniciação.
Depois, noutro quarto, vejo outro sentado na cama, sem fazer tarefas. E quando o questiono, ele disse que a religião dele não o permitia.
Eu pisquei-lhe o olho e, a sorrir, disse: "Ahhh, American is great!" ah ah ah.
Depois fiquei por lá, pois à medida que se ia apreendendo as armas caseiras, eu pedia-lhes para me explicarem como aquilo era tudo feito - simplesmente fascinante tais habilidades!

Quando eu ia em direção à porta para voltar para as minhas meninas ganguezinhas na outra unidade, olhei para o líder, sorri e disse:

"Thank you, sir, for your help."
— "You're welcome, Miss Vale."

Este "obrigado" nem poderia acontecer de outra forma, pois jamais sairia daquela unidade sem agradecer e validar a ajuda daquele ser humano.
A mensagem foi clara: **"Ainda és necessário na sociedade. Não desistas. E, em vez de desgraça, poderás ainda produzir muitos sorrisos e obrigados."**